

APRESENTAÇÃO WILLIAM BLAKE E A OPOSIÇÃO ARTE VERSUS COMÉRCIO

PRESENTATION WILLIAM BLAKE AND THE OPOSITION ART VERSUS COMMERCE

O que significa ser um artista visionário em um país e em uma época em que o mercado de arte afeta diretamente não somente as obras que são produzidas ou impressas, mas – e talvez de forma mais impactante – o gosto do público consumidor de arte? Como se manter fiel aos preceitos artísticos em um mundo onde amiúde os artistas abrem mão deles em troca de algum retorno financeiro e, quiçá, alguma notoriedade?

O que significa, também, ser um artista visionário diante da institucionalização da arte (no sentido que Bourdieu lhe dá, da regulamentação da produção tanto quanto da crítica de arte), que determina as formas “aceitáveis” da arte e reitera constantemente a separação entre arte e pensamento, não raro reduzindo a primeira a mero entretenimento?

Esses foram alguns dos dilemas com que se deparou o poeta, gravurista e pintor William Blake, diante dos quais o artista respondeu com uma arte única até os dias de hoje, seja no seu aspecto formal – os poemas iluminados com sua fusão de texto, gravura e iluminura –, temático – no uso de tópicos como a liberação sexual, o amor livre, a união do bem e do mal no homem, a abertura das portas da percepção, a imaginação plena e alheia a valores morais – e filosófico – no questionamento do neo-aristotelismo e do idealismo absoluto, além da crença na inseparabilidade entre arte e ciência.

Esta arte visionária, como era de se esperar, foi rejeitada pelo mercado literário e de arte da Londres de fins do século XVIII e do início do século XIX em favor de estilos de poesia, gravura e pintura mais ortodoxos. Esse é o tema deste volume, que tratará da exibição que Blake realiza em 1809 na loja de seu irmão, na qual o artista, depois de ter suas ilustrações dos *Peregrinos a caminho de Canterbury* rejeitadas em favor de outras realizadas por um pintor mais ao gosto da época, Thomas Stothard, decide realizar sua própria exibição e trazer a público suas concepções de arte, expostas nas explicações a cada uma das ilustrações que compuseram a exposição.

Tanto as ilustrações quanto as explicações que fizeram parte da

exposição de 1809 compõem o *Catálogo Descritivo* que acompanha este número da coleção *Fragmentum*, na qual podemos ver as ilustrações feitas por Blake para o poema de Chaucer e também ler as anotações feitas aos desenhos pelo próprio Blake, na excelente tradução de Enéias Tavares, Ana Paula Cabrera, Daniela do Canto, Andrio Santos e Leandro Oliveira. Nas anotações podemos ler as reflexões do artista sobre o seu processo criativo, sobre sua preferência por Michelângelo e Durher em detrimento de Rembrand e Da Vinci, bem com sua predileção pelo afresco em contraste à pintura a óleo.

Também nesse volume podemos ler o artigo “William Blake e o turbulento ano de 1809: Catálogos descritivos, desavenças criativas e obras visionárias”, de Enéias Farias Tavares, no qual a particularidade de detalhes nas ilustrações feitas por Stolthard e Blake dos peregrinos de Chaucer é analisada e, juntamente com as notas escritas pelo artista aos desenhos, revelam a sua concepção de arte, de desenho e do papel do artista diante da sociedade.

Ao final do volume temos o artigo “‘I will not reason & compare: my business is to create’: Blake e a questão do método”, de minha autoria, no qual proponho uma investigação sobre alguns aspectos fundamentais da poesia de Blake a partir da leitura crítica de sua obra que se desenvolveu nas décadas de 1970 e 1980, orientadas pelas mudanças teórico-críticas nos estudos literários de então. Busquei investigar como o uso dessas novas abordagens críticas parece ser bastante afim ao texto de Blake, apesar dos quase 200 anos de separação cronológica, e uma possível explicação aventada está nas particularidades ou “idiosincrasias” do texto poético de Blake, que amiúde são “esquecidas” ou desprezadas pelos críticos por oferecerem um desafio –às vezes incontornável - aos métodos interpretativos que pretendam ou prometam descobrir a verdade do texto. Se embrenhando pelos paradoxos e aparente contrasensos da poesia de Blake e vendo-os não como empecilhos, mas como fonte de sentido, os críticos de então buscaram entender a poesia de Blake a partir de novos paradigmas teórico-críticos e os resultados foram tão importantes que, podemos dizer, caracterizam atualmente boa parte da *scholaship blakeana*.

Para finalizar, é importante dizer que este volume é um dos resultados do trabalho desenvolvido no William Blake Research Centre, localizado no Centro de Artes e Letras da UFSM e coordenado pelo Prof. Enéias Faria Tavares que, com sua equipe de graduandos e pós-graduandos, vem realizando um excelente trabalho de tradução, pesquisa e divulgação da obra de Blake no Brasil. O Grupo de pesquisa que desenvolve suas atividades

junto ao Centro, composto pelo Professor Enéias Tavares, pela Professora Juliana Steil (UFPEL) e por mim, tem realizado pesquisas, traduções, estudos e publicações sempre no intuito de tornar a obra de Blake acessível a um público cada vez maior e além de realizar seus próprios eventos, tem também participado de eventos nacionais e internacionais no Brasil e no exterior, sempre divulgando e estudando a obra deste visionário que, com suas visões paradisíacas ou dantescas, até nos hoje nos ajuda a enxergar melhor a nós mesmos e ao mundo, nos oferecendo uma saída em meio à miopia generalizada que caracteriza os tempos atuais.

*Alcides Cardoso dos Santos
(UNESP – Araraquara)
Araraquara, 01 de maio de 2015*